

**caderno de
educação**

ilê aiyê 1995—2013
projeto de extensão pedagógica

15

**abidjan, abuja,
harare e dakar**







É com imensa satisfação e orgulho que apresentamos esta edição comemorativa que reúne todos os Cadernos de Educação publicados pelo Ilê Aiyê. Esta coleção simboliza a centralidade do projeto de educação, reparação histórica e afirmação das dimensões afro-brasileiras.

A parceria com a Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação reforça a importância histórica e a relevância política, artística e cultural dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Essa iniciativa se alinha a uma prática de extensão que enxerga a educação como um processo de transformação social, promovendo a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Assim como o Ilê Aiyê, que, a partir do Carnaval Negro e da potência criativa de J. Cunha, ressignificou a maior festa popular da Bahia, os Cadernos de Educação buscam conectar a educação às raízes culturais e históricas do povo negro. A Associação Cultural Ilê Aiyê, desde sua fundação há 50 anos, surgiu da luta por repre-

prefácio

sentatividade e pela valorização da cultura afro-brasileira. Com sua atuação no bairro da Liberdade, o Ilê Aiyê transformou seu espaço em um território de resistência e educação, criando a escola comunitária Mãe Hilda e a Band'Erê, com seu modelo pedagógico inovador baseado na cultura e na História do povo negro no Brasil.

O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado em 1995, expandiu essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade negra.

O compromisso da UFRB com esse projeto reflete sua missão de promover a inclusão e a valorização das culturas de matrizes africanas, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que esta edição comemorativa dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê inspire educadores, estudantes e toda a comunidade acadêmica a continuar a luta por um mundo melhor e sem racismo, celebrando a riqueza e a diversidade das culturas afro-brasileiras.

prof. danillo barata
pró-reitor de extensão e cultura da ufrb

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

ORGANIZAÇÕES DE RESISTÊNCIA NEGRA

Valéria Lima

ensaio

6

Resistir é um verbo constante na vida de qualquer pessoa negra. Resistimos desde os navios negreiros, que arrancaram nossos ancestrais de Mãe África e os espalharam pelas Américas, principalmente pelo Brasil. As mãos negras construíram este país, a terra que “em se plantando tudo dá”, e que deu para os nossos apenas dor e trabalho. No entanto, resistimos.

Apesar de as escolas ensinarem por séculos que não houve resistência à escravidão por parte dos africanos usurpados de seu continente, aos poucos estamos resgatando tantas histórias contrárias que foram ocultadas dos livros. Hoje sabemos dos muitos levantes que ocorreram para acabar com a escravidão neste país. Conhecemos as histórias das irmandades, dos quilombos, das negras de ganho, que se organizaram para garantir não só a sua liberdade, mas também a de tantos outros irmãos e irmãs. A liberdade das mulheres que lutaram para manter vivas as tradições, os costumes e a religiosidade de matriz africana.

As organizações de resistência negra no Brasil desempenharam um papel crucial na luta contra o racismo, a discriminação e a desigualdade social. Desde a chegada dos africanos escravizados no país até os dias atuais, essas entidades têm sido fundamentais na promoção dos direitos civis, culturais e políticos da população negra brasileira. Além de tudo que foi realizado ao longo dos intermináveis

séculos em que durou a escravidão no Brasil, muito foi feito pelo povo negro deste país para driblar os resquícios da escravidão. Apesar de o letramento não ser permitido às pessoas negras, muitos eram os que sabiam ler e escrever, de modo que, ainda no século XIX, a imprensa negra já se fazia presente. Como bem nos apresentou Ana Flávia Magalhães em sua pesquisa publicada em *Imprensa negra no Brasil do século XIX*, *O Mulato* ou *O Homem de Cor*, datado em 14 de Setembro de 1833 foi o primeiro veículo negro deste país.

Os quilombos são importante símbolo de resistência e organização. Os escravizados que fugiram das plantações e engenhos tornaram-se referências de liberdade e luta contra a opressão. Em um ambiente de brutalidade e exploração, os quilombos ofereceram refúgio e autonomia, com os negros podendo viver de forma livre, em comunidade, preservando suas tradições culturais, e praticando sua religião. O mais famoso deles, Palmares, liderado por Zumbi, resistiu por quase um século, exemplificando a resiliência e a força coletiva dos afro-brasileiros na luta pela liberdade e justiça.

Organizar e resistir para existir! As irmandades religiosas foram determinantes para a sobrevivência dos negros e negras escravizados. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, fundada na Igreja da Sé, no centro de Salvador, é datada de 1685. Posteriormente foi transferida para uma igreja construída com recursos próprios e com o trabalho dos membros da Irmandade. Os terreiros de candomblé, assim como as irmandades, nasceram em meio à escravidão. Os Orixás, Inquices e Voduns, que aqui desembarcam com os africanos, fizeram morada em todas as regiões do Brasil, de norte a sul. As religiões

de matriz africana se mantêm vivas, apesar do racismo e das perseguições. Os registros informam que os primeiros terreiros surgiram por volta de 1830 (p. 8,1995)¹. E nesses espaços sagrados, mães e pais de santo garantiram a manutenção dos cultos originários de África, com uma identidade brasileira.

A mais antiga associação civil negra do Brasil nasceu na capital baiana e há quase 200 anos transforma a vida de negros e negras. A Sociedade Protetora dos Desvalidos, fundada em 16 de Setembro de 1832, inaugurou novas possibilidades na vida de inúmeros escravizados. Liderado por Manoel Vitor Serra, africano livre, um grupo de homens da capital baiana se reuniu para garantir a liberdade de outros, comprando cartas de alforria. Entretanto, ao longo de todos esses anos, a organização atuou de diversas formas, como caixa e empréstimos e penhores, apoiando no tratamento de doenças, na invalidez, na velhice e na garantia de um funeral para aqueles que não podiam pagar. E foi se reinventando de acordo às necessidades que foram surgindo no pós-abolição. E segue, ainda hoje, lutando contra o racismo e as desigualdades por ele ocasionadas.

Com a abolição da escravidão em 1888, a luta pela igualdade continuou, uma vez que a população negra permaneceu marginalizada. A Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em 16 de setembro de 1931 por Abdias do Nascimento, desempenhou um papel crucial na luta pelos direitos civis e sociais da população negra no Brasil. Como uma das primeiras organizações de massa lideradas por negros, a FNB buscou combater o racismo e promover a integração social, política e econômica dos afro-brasileiros. Através de campanhas de educação, assistência jurídica e atividades

culturais, a FNB trabalhou para elevar a autoestima da comunidade negra e exigir igualdade de oportunidades. Sua atuação pioneira pavimentou o caminho para os futuros movimentos negros do país, deixando um legado duradouro na luta contra a discriminação racial. Embora tenha sido fechada pelo Estado Novo de Getúlio Vargas em 1937, seu legado influenciou grandes movimentos subsequentes.

A partir da década de 1970, com o fortalecimento dos movimentos sociais no Brasil, houve um ressurgimento significativo de organizações negras. O Ilê Aiyê e o Movimento Negro Unificado, nascidos nesse período, são os responsáveis pelas configurações de movimentos que conhecemos na atualidade. Influenciados pelos Panteras Negras, que lutavam pelos direitos civis nos Estados Unidos da América, surge o primeiro bloco afro do Brasil. O Ilê Aiyê, idealizado por Antonio Carlos Vovô e Apolônio Souza de Jesus Filho, fundado em 1º de Novembro de 1974, ganhou as ruas do carnaval de Salvador a partir de 1975, e, com as bênçãos de Mãe Hilda Jitolu, cantou a beleza e a história do povo negro no Brasil e em África.

O Ilê realizou uma verdadeira revolução estética no Brasil, através do trabalho inovador de Dete Lima. Os turbantes e as amarrações inspiradas nas vestimentas dos Voduns do Axé Jitolu, em conjunto com as estampas desenvolvidas por J. Cunha, deram vida às cores da entidade. Suas ricas vestimentas, seus adereços vibrantes e suas expressões culturais autênticas exaltaram a beleza e a identidade afro-brasileira. A estética desenvolvida pelo bloco não apenas resgatou tradições africanas, mas também desafiou os padrões eurocêntricos de beleza, promovendo o orgulho racial e a autoestima entre os negros. Essa revolu-

ção visual e cultural do Ilê Aiyê teve um impacto profundo, influenciando a moda, a arte e a identidade afro-brasileira por gerações.

O Movimento Negro Unificado (MNU), criado em 1978, destacou-se como uma das principais entidades na luta contra o racismo estrutural e na promoção da consciência negra. O MNU tem se empenhado em diversas frentes, incluindo a denúncia da violência policial, a luta por cotas raciais e a valorização da cultura afro-brasileira. Cultura e política se encontram e se reinventam por igualdade e justiça. Para que possamos ser quem somos, assumindo nossa identidade no jeito de ser e de se vestir do povo negro deste país.

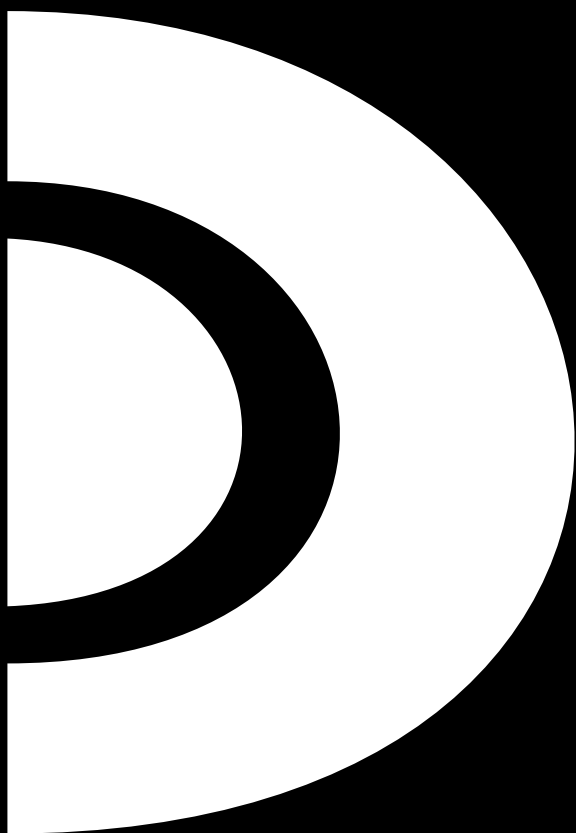
**OS ORIXÁS, INQUICES
E VODUNS, QUE AQUI
DESEMBARCAM COM OS
AFRICANOS, FIZERAM
MORADA EM TODAS AS
REGIÕES DO BRASIL**

Abrangência

A partir dos anos 2000, a resistência negra no Brasil vem ganhando novas configurações e formas de atuação. Enquanto, na década de 1970, elas se dividiram entre culturais e políticas, na atualidade é difícil listar todas. Seja através das artes, da música, com o uso de novas tecnologias, através do afrofuturismo, pelas redes sociais; seja qual for o caminho, o objetivo é sempre ampliar a representatividade e combater o racismo em todas as esferas da sociedade brasileira. Nos últimos anos, diversas organizações foram criadas, destacando-se a Coalizão Negra por Direitos, de abrangência nacional. A Coalizão reúne várias entidades que, embora atuem individualmente em seus respectivos territórios, mantêm-se unidas e vigilantes pelo bem comum. A união dessas forças exemplifica a crença de que juntos somos mais fortes e capazes de alcançar objetivos ainda maiores.

Em 6 de Janeiro de 2023, nasceu no bairro do Curuzu, mesmo local em que outrora surgiu O Mais Belo dos Belos, o Instituto da Mulher Negra Mãe Hilda Jitolu. A organização foi criada com o objetivo de manter viva a história e o legado de mulheres negras que tiveram importantes contribuições para o movimento negro brasileiro, iniciando-se pelo legado de Mãe Hilda Jitolu, a matriarca do Ilê Aiyê, que muito contribuiu para a valorização da cultura e religiosidade negras. Mãe Hilda nasceu em Salvador, em 6 de janeiro de 1923, e em 1952 fundou o Terreiro Axé Jitolu, em um dos bairros mais negros da capital baiana, o Curuzu.

O futuro é incerto, mas, enquanto houver racismo, haverá resistência!



sumário

4	prefácio
6	ensaio
16	história do ilê aiyê
25	apresentação
28	ação afirmativa e processo de construção
44	abidjan, abuja, harare e dakar.
49	abidjan, capital da costa do marfim
54	abuja, capital da nigéria
58	harare, a capital do zimbabwe
64	dakar, capital do senegal
70	conclusão
74	antologia de música negra do ilê aiyê
80	atividades e fixação da aprendizagem

História do Ilê Aiyê

*“Ilê Aiyê, que beleza mais bonita de
ser ver, Ilê Aiyê!”*

*“Eu só quero ver o Ilê passar... passar
por aqui!”*

*“Que bloco é esse? Eu quero saber!... É
o mundo negro que viemos cantar para
você!”*

Esses versos que já fazem parte da antologia poética musical baiana e brasileira eternizaram a história do bloco Ilê Aiyê. O Ilê Aiyê, primeiro bloco afro da Bahia, nasceu no Curuzu, Liberdade, bairro de maior população negra do país: mais de 600 mil habitantes. Foi fundado em 1º de novembro de 1974 com o objetivo de preservar, valorizar e expandir a cultura afro-brasileira.

O que o Ilê se impôs foi apropriar-se popularmente da história africana para trabalhar a construção da História do negro no Brasil.

Com certeza, o movimento rítmico musical inventado na década de 1970 pelo Ilê Aiyê foi responsável pela revolução do Carnaval baiano. A partir desse movimento, a musicalidade do Carnaval da Bahia ganha novos ritmos oriundos da tradição africana.

O espetáculo rítmico-musical e plástico que o bloco mostra no Carnaval arranca aplausos da população.

Ir ao Carnaval e não ver o Ilê passar equivale a vir a Bahia e não ir a um Terreiro de Candomblé.

Ao propor um trabalho político-educacional consciente, o Ilê virou tradição através de seleção temática de dança, da gestualidade e de códigos de linguagem. Ele permeia a transmissão do passado da ancestralidade africana com o contexto histórico-social do negro em condição de escravo no Brasil, com o cotidiano presente do negro baiano, e trabalha o caráter universal da questão negra. O Ilê retoma todas as formas expressadas na evolução dos movimentos de renascimento negro-africano, negro-americano ou afro-americano, e as decodifica para o contexto específico da realidade baiana, mas sem perder de vista a relação de identificação entre todos “os negros que se querem negros”

**O ILÊ, AO LONGO DE
SUA TRAJETÓRIA, VEM
HOMENAGEANDO PAÍSES
AFRICANOS, REVOLTAS E
PERSONALIDADES NEGRAS
QUE CONTRIBUÍRAM
FORTEMENTE PARA O
PROCESSO DE IDENTIDADE
ÉTNICA E PARA ELEVAÇÃO
DA AUTO-ESTIMA DO
NEGRO.**

de qualquer parte do mundo, ressaltando sempre o caráter comum da origem ancestral. A Diretoria do Ilê ainda hoje afirma que o principal objetivo da organização é a “expansão da cultura de origem africana no Brasil”, e tem perseguido este objetivo de formas várias, além de deixar a presença marcante no Carnaval, onde temática, fantasia, canção e danças têm como referência exclusiva o negro.

- ♦ **Missão do Ilê Aiyê** A Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, considerada de utilidade pública e que tem como missão “preservar e expandir a cultura negra na sociedade, visando agregar todos os afro-descendentes na luta contra o racismo e suas mais diversas formas de discriminação, desenvolvendo projetos carnavalescos, político-culturais e educacionais, resgatando a auto-estima e elevando-a em nível de consciência crítica”. Tal missão vem sendo vivenciada através da arte e da cultura, principalmente ligadas à música e dança e de ações educacionais formais, informais, voltadas prioritariamente para crianças e adolescentes da comunidade na qual está inserida o bairro do Curuzu, na Liberdade.
- ♦ **Projeto Educacional** A partir de 1995, o Ilê Aiyê, com o objetivo de sistematizar e socializar as práticas e produções educativas, consolida sua vocação educacional criando o Projeto de Extensão Pedagógica e vence por duas vezes consecutivas o Prêmio Itaú-Unicef. A sistematização e a socialização dessas práticas se dá através das três escolas coordenadas pelo Ilê Aiyê: a Escola Mãe Hilda, a Escola de Música e Percussão Band’Erê

e a Escola Profissionalizante. Esses grupos existem dentro da entidade, tendo cada um objetivos específicos em sua área de atuação.

- ◆ **A Escola Profissionalizante** foi criada em 1997 com o apoio do Governo do Estado da Bahia, através da Secretaria do Trabalho, Assistência Social e Esporte (SETRAS). A escola oferece cursos de confecção de sapatos, bolsas e acessórios de couro e tecidos, confecção de moda íntima, confecção de roupas, reciclagem para costureiras em máquinas industriais, informática básica, trançado, maquiagem e estética negra.

- ◆ **A Escola de Percussão, Canto e Dança Band'Erê**, criada no final da década de 1980 para renovar os quadros artísticos da Band'Aiyê, a partir de 1995 torna-se uma escola de formação integral para a cidadania dos alunos e alunas. Divididos em quatro grupos de 25, crianças e adolescentes recebem os ensinamentos de História Afro-Brasileira, Interpretação e Linguagens, Ritmos Musicais, Canto, Dança e Saúde do Corpo. Assim como as demais atividades do Projeto de Extensão Pedagógica, a Band'Erê tem como princípio norteador das suas atividades a construção da cidadania por meio da identidade racial, do pensamento crítico e da autoestima. Neste sentido, desenvolve-se em torno de três eixos: Educação Preventiva Integral, Etnicidade e Iniciação Profissional, cujos objetivos são:
 - a) **Educação Preventiva Integral** Desenvolver no aluno noções críticas e comportamentais acerca de questões

relativas à sexualidade, abuso de drogas, ISTs, higiene corporal, alimentação e outros, a partir de sua relação consigo, com o outro e com o meio.

- b) Etnicidade** Resgatar a historiografia afro-brasileira, no sentido da busca de consciência das diferenças étnicas, reafirmando os valores da africanidade na Diáspora.
 - c) Iniciação Profissional** Oportunizar aos alunos a aproximação com a realidade profissional, musical e outras.
-
- ◆ **O Bloco Erê** tem como objetivo contribuir para a construção da identidade racial das crianças da Liberdade/ Curuzu, no sentido de fazê-las conhecer e preservar os valores afro-brasileiros e, ao mesmo tempo, integrá-las à festividade do Carnaval. Através do Bloco Erê, as bancas desenvolvem a sua auto-estima enquanto negros, na medida em que dançam, cantam e vestem-se de acordo com a tradição afro. O bloco desfilou no Carnaval 2007 com mil crianças acompanhadas pela Band'Erê.
 - ◆ **O Festival Erê** é uma festa que congrega mil crianças e adolescentes da Liberdade e outras comunidades, comemorando o Dia da Criança como uma oportunidade de se confraternizar com seus pares, reafirmando aspectos da cultura afro-brasileira.
 - ◆ **Histórico da Escola Mãe Hilda** O Ilê Axé Jitolu é um Terreiro de Candomblé de nação jêje-nagô, comandada por Mãe Hilda dos Santos, que reside no Curuzu - Liberdade desde o ano de 1938. Mãe Hilda acredita e afirma que um Terreiro de Candomblé é também uma escola onde os iniciados aprendem a conviver na irmandade.

de e solidariedade e a vivenciar uma religião que não tem o registro escrito, e sim a oralidade e o "aprender fazendo". O Terreiro não faz pregações itinerantes ou sermões em templos, mas não pode fechar a porta para aqueles que nele chegam. Foi nesse espaço, ou melhor, neste templo sagrado que nasceu o Ilê Aiyê que, apesar de profano (por ser um bloco de Carnaval) herdou os fundamentos e princípios da religião do Candomblé. Essa herança fez do Ilê uma entidade que tem a compreensão da dimensão da religião do Candomblé e absorveu dela valores e princípios básicos à convivência social, bem como o respeito aos mais velhos e o aproveitamento da simbologia para as suas canções, toques, adereços e figurinos, sem ferir os fundamentos religiosos. Ao longo dos seus 33 anos, o Ilê Aiyê tem difundido e preservado a cultura africana e afro-baiana, ao tempo em que tem defendido o respeito às religiões. E é sobre esse lastro que surge a Escola Mãe Hilda. Tudo começou entre 1988 e 1989, com pouco mais de cinco crianças que tinham dificuldades de aprendizagem. As mães buscaram a filha de Mãe Hilda para dar uma "banca" e, depois, surgiram outras crianças evadidas da rede pública com históricos de bi-repetência e indisciplina, que não queriam mais ficar na escola. E a notícia correu rápido que as "filhas de Mãe Hilda estavam ensinando, as crianças estavam aprendendo e tinham até mudado o comportamento". Um ano após, já não havia cadeiras suficientes para acomodar as crianças. Mãe Hilda, que sempre alimentou o sonho de seu Terreiro ser um espaço de educação formal, encorajou-se e pediu ao Secretário Estadual de Educação da época (Dr. Edvaldo Boa-

ventura) algumas carteiras e equipamentos (mesmo usados) para atender àquela clientela. O seu pedido fora atendido e a escola começou a funcionar no “barracão” das festas sagradas, com duas professoras, no mesmo espaço, atendendo aos alunos de níveis diferenciados. Era uma classe multisseriada.

Alguns locais que já viram o Ilê passar...

- ◆ **1983/1984** Angola
- ◆ **1986** Benin - Daomé
- ◆ **1991** Martinica
- ◆ **1992** Estados Unidos - Los Angeles, Santa Cruz, Oakland
- ◆ **1994** Europa - Alemanha e Dinamarca
- ◆ **1995** Estados Unidos - Miami
- ◆ **1998** Estados Unidos - "Spoleto Festival", Charleston, Carolina do Sul
- ◆ **1999** Estados Unidos - Miami, Nova York e Washington
- ◆ **1999** Europa - Portugal
- ◆ **2000** Estados Unidos - "Jazz Festival", Nova Orleans
- ◆ **2000** Europa - Alemanha, França, Espanha, Holanda, Inglaterra, Itália, Suíça e Bélgica
- ◆ **2001** Europa - Itália e França
- ◆ **2002** Estados Unidos - "Central Park Summer Stage", Nova York, e Washington DC
- ◆ **2003** Estados Unidos - "Parada de São Francisco", Califórnia
- ◆ **2004** Estados Unidos - "Carnival Caribe"/ Brazilian Day, Nova York e Filadélfia
- ◆ **2004** Europa - "Forum Universal de las Culturas de Barcelona", Espanha
- ◆ **2005** Europa - "Ano do Brasil na França", Paris

O grande quilombola

(Sílvio Almeida – Jamoliva – Davizinha)

Os pés que andam de chinelo na calçada
Os mesmos que encheram de calos na jornada
Os braços que ficaram fortes na remada
São corpos que bailam felizes na nova Senzala
Competência, garra, coragem têm de sobra
Ingressa na universidade além das cotas
Não existe limite pra mente dessa gente
Os herdeiros de Steve Biko estão presentes
E raiou o sol da liberdade
É o sentimento que expressa
O sorriso do Ilê pela cidade
E raiou a noite virou dia
Assim como o Ilê traduziu
O mistério do negro em poesia
Ai ai ai ai
Os olhos do mundo querem ver
Ai ai ai ai
O grande quilombola Ilê Aiyê

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

ABIDJAN, ABUJA, HARARE E DAKAR

*O intelectual é, em primeiro lugar,
uma pessoa que produz um conhe-
cimento crítico sobre a sociedade e
esse conhecimento pode transfor-
má-la*

Kabengele Munanga in: *Jornal Irohin*,
n. 17, 2006.

apresentação

O renascimento e o direito de sonhar

Estamos chegando à décima quinta edição do Caderno de Educação do PEP - Projeto de Extensão Pedagógica – do Ilê Aiyê. É uma linda trajetória na História da literatura brasileira.

Desde 1995, ano de fundação do PEP, são colocados à disposição de variados tipos de leitores, das mais diversas escolaridades, textos informativos de grande importância histórica e pedagógica. De certa maneira, o PEP e o seu Caderno anteciparam o estudo sistemático da História africana e afro-brasileira na escola brasileira e, ao mesmo tempo, contribuíram para a implementação da Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Pelas catorze edições anteriores, muitos negros e negras intelectuais passaram pelas páginas dos Cadernos. Eles escreveram sobre temáticas que descreviam as “Organizações de Resistência Negra” (o primeiro Caderno, de 1995), e depois iniciaram ávidos leitores em assuntos como: o povo bantu, a resistência no Quilombo de Palmares, a Força das Raízes Africanas, as Revoltas dos Malês e de Búzios, os Tambores do Maranhão, a nossa guardiã da fé e da tradição africana, Mãe Hilda; os países africanos e a luta do negro pelo poder no Brasil. Toda esta história contada pelos Cadernos foi também divulgada e recontada pelos compositores dos carnavais do Ilê Aiyê. Nesses quinze volumes que agora alcançamos, uma bela antologia da poesia negra cantada está bem documentada em nossa coleção.

O nosso décimo quinto volume traz como tema as cidades africanas Abidjan, Abuja, Harare e Dakar. Falamos sobre o renascimento africano e o direito de sonhar por uma Salvador igual às cidades do nosso continente-mãe. Temos, neste Caderno, a grande contribuição do professor Kabengele Munanga ao escrever sobre “Ação afirmativa e processo de construção da identidade negra no Brasil”. Para uma edição dedicada à África, nada melhor do que um grande intelectual nascido na República Democrática do Congo (antigo Zaire), que é professor titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Uma boa leitura para todos vocês!

Axé,

Salvador, junho, 2007.

Jônatas Conceição

Coordenador Pedagógico do PEP do Ilê Aiyê.

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

Ação afirmativa e processo de construção da identidade negra no Brasil

Kabengele Munanga

A identidade negra no Brasil, como todas as identidades possíveis e existentes, é uma categoria de definição e de auto-definição de um povo, ou de um de seus segmentos, a partir de alguns atributos pertinentes coletivamente atribuídos ou autoatribuídos e assumidos. No tocante ao negro brasileiro, a sua identidade não resulta da simples tomada de consciência de sua negritude enquanto peculiaridade somática em contraste com a branquitude, mas sim de um processo histórico no qual essa negritude recebeu significações sociais que desembocaram em comportamentos racistas que, por sua vez, provocaram discriminações e desigualdades raciais e a subsequente alienação do seu corpo, do seu espírito e de sua produção cultural. O universo racista brasileiro, diferentemente dos universos norte-americano e sul-africano (apartheid), se caracterizou durante muito tempo pelo mito de democracia racial, ou seja, a idéia de que o Brasil é um paraíso racial (país onde todos os segmentos raciais encontram plenas condições de se desenvolver igualmente sem preconceitos e sem discriminação racial). Embora desmascarado, a inércia desse mito continua a atuar no inconsciente coletivo dos brasileiros, ajudando na manutenção do *status quo* entre brancos e negros, como comprovado pelas estatísticas sobre os índices do desenvolvimento humano entre negros e brancos, pelas taxas de alfabetização e de acesso ao ensino superior de boa qualidade, da mobilidade social, do acesso à saúde, à justiça etc. que, somadas, configuram um quadro de desigualdades raciais gritante entre brancos e negros. É surpreendente que alguns intelectuais brasileiros comecem a avaliar positivamente hoje o mito de democracia racial para formular suas críticas contra as propostas de cotas que rotulam como raciais.

Introjetado nos cidadãos brancos e negros através dos mecanismos educativos, o racismo forma indivíduos conformistas compreendendo discriminadores (brancos) e discriminados (negros). Os primeiros, imbuídos da superioridade do seu corpo e do seu espírito, e os segundos, alienados pela inferioridade de sua “raça”. Ambos participam do processo de manutenção e de reprodução do racismo, de antemão naturalizado. A alienação do corpo negro e, conseqüentemente, de sua cultura, de suas condições morais, psicológicas e mentais desemboca na projeção de uma identidade negativa e depreciativa cujas conseqüências no psíquico do sujeito coletivo negro são incomensuráveis. A chamada baixa autoestima da criança negra e seu impacto negativo no processo de aprendizado escolar são, sem dúvida, resultante dessa identidade negativa.

A reabilitação do sujeito coletivo negro passa pelo resgate de sua identidade negada ou inferiorizada pela alienação racial. De outro modo, o resgate ou a reconstrução positiva de sua identidade advém da aceitação da cor negra de sua pele e de sua cultura inferiorizada pela racialização hierarquizante. A reabilitação exige também o reconhecimento público de sua identidade pela inclusão de sua história e de sua cultura nos cânones curriculares nacionais. Visto deste ângulo, assumimos a tese do filósofo canadense Charles Taylor, segundo a qual “a nossa identidade é formada em parte pela existência ou inexistência de reconhecimento e, muitas vezes, pelo reconhecimento incorreto dos outros, podendo uma pessoa ou grupo de pessoas ser realmente prejudicadas, serem alvo de uma verdadeira distorção, se aqueles que os rodeiam refletirem uma imagem limitativa, de inferioridade ou de desprezo por eles mesmos. O não-re-

conhecimento ou o reconhecimento incorreto pode afetar negativamente, pode ser uma forma de agressão, reduzindo a pessoa a uma maneira de ser falsa, distorcida, que a restringe". (Taylor, C.1998:45).

O reconhecimento da identidade negra implica, no plano nacional, na implementação de políticas públicas diferenciadas das quais a população negra seria beneficiária, tendo em vista as desigualdades raciais acumuladas e que a distanciam enormemente da população branca, de acordo com a linguagem das estatísticas produzidas nos últimos anos pelo IBGE e pelo IPEA. A questão da identidade é de extrema importância para compreender os problemas da educação do negro. Em um país como o Brasil, que nasceu do encontro de várias culturas e civilizações, as relações entre democracia, cidadania e educação não podem ser tratadas sem considerar e respeitar as identidades particulares formadoras da identidade plural brasileira.

Alguns indagam se as políticas de reconhecimento das identidades "raciais", em especial da identidade negra, não ameaçariam a unidade ou a identidade nacional, por um lado, e se não reforçariam a exaltação da consciência racial, por outro lado? Ou seja, se não teriam um "efeito bumerangue", criando conflitos raciais que segundo eles não existem na sociedade brasileira? É dentro desta preocupação que as críticas vêm sendo dirigidas contra as políticas de cotas rotuladas como raciais. Segundo o antropólogo Peter Fry, um dos protagonistas intelectuais dessas críticas no Brasil, "a ação afirmativa não veio somente para compensar negros pelo passado de escravidão e pelo presente da discriminação. Veio desfazer a 'mistura racial' para produzir só duas raças. Antes uma sociedade de classes que se recusa

a reconhecer as identidades raciais, o Brasil é agora imaginado como uma sociedade de ‘raças’ e ‘etnias’ distintas. As políticas de ação afirmativa racial terão a conseqüência de estimular os pertencimentos raciais.” (Fry, P., 2005:336)

Em primeiro lugar, todos os brancos e negros no Brasil acreditam na “mistura racial” como fundante da sociedade brasileira, geneticamente falando. A pesquisa do geneticista Sérgio Danilo Pena mostra que todos os brasileiros, mesmo aqueles que aparentam fenotipia europeia, têm em porcentagens variados marcadores genéticos africanos ou ameríndios, confirmando o princípio já conhecido da inexistência de raças puras ou estancas. Não vejo, a não ser numa imaginação criativa, como a ação afirmativa possa desfazer a “mistura racial”, desafiando as leis da genética humana e a ação voluntarista dos homens e das mulheres, que continuarão a manter os intercursos sexuais inter-raciais. Se as leis e barreiras raciais contra relações sexuais inter-raciais nos Estados Unidos e na África do Sul (apartheid) não conseguiram desfazer a “mistura racial”, como é que isso pode ser possível somente no Brasil, por causa das cotas? Acho que o autor quer atribuir à ação afirmativa um poder mágico que, na realidade, não possui.

Em segundo lugar, sabemos todos que o conteúdo da raça é social e político. Se para o biólogo molecular ou o geneticista humano a raça não existe, ela existe na cabeça dos racistas e de suas vítimas. Seria muito difícil convencer Peter Botha e um zulu da África do Sul de que a raça negra e a raça branca não existem, pois existe um fosso sócio-histórico que a genética não preenche automaticamente. Os mestiços dos Estados Unidos são definidos como negros pela lei baseada numa única gota de sangue. Eles aceitaram e assumiram

essa identidade racial que os une e os mobiliza politicamente em torno da luta comum para conquistar seus direitos civis na sociedade americana, embora conscientes da mistura que corre em seu sangue e também da negritude que os faz discriminar. Consciente de que a discriminação da qual negros e mestiços são vítimas apesar da “mistura do sangue”, não é apenas uma questão econômica que atinge todos os pobres da sociedade, mas sim resultante de uma discriminação racial camuflada durante muitos anos. O Movimento Negro vem tentando conscientizar negros e mestiços em torno da mesma identidade através do conceito negro inspirado no “Black” norte-americano. Trata-se, sem dúvida, de uma definição política embasada na divisão bi-racial ou bipolar norte-americana, e não biológica. Esta divisão é uma tentativa que já tem cerca de trinta anos e remonta à fundação do Movimento Negro Unificado, que tem uma proposta política clara de construir a solidariedade e a identidade dos excluídos pelo racismo à brasileira. Ela é anterior à discussão sobre as cotas ou à ação afirmativa que tem apenas uma dezena de anos. Mais do que isso, ela correu paralelamente à classificação popular cromática baseada justamente na multiplicidade de tons e nuances da pele dos brasileiros, resultante de séculos de miscigenação. Afirmar que a definição bipolar dos brasileiros em raças negra e branca nasce das políticas de ação afirmativa ainda em debate é ignorar a História do Movimento Negro Brasileiro. Pensar que o Brasil sofre pressões internacionais ou multilaterais para impor as políticas de cotas é minimizar a própria soberania nacional e ignorar as reivindicações passadas e presentes do Movimento Negro que, mesmo sem utilizar as palavras cota e ação afirmativa, sempre reivindicou as políticas específicas que pudessem

reduzir as desigualdades e colocar o negro no mesmo pé de igualdade que o branco. Aliás, a construção das políticas sobre diversidade cultural ou étnico-racial é uma realidade que está na agenda de todos os países do mundo. A imagem de um Estado-Nação construído com base numa única cultura, numa única língua, numa única religião está se tornando cada vez mais rara. Basta olhar as reivindicações identitárias na Espanha, Bélgica, Canadá etc. para se dar conta da falsa homogeneidade cultural de muitos países ocidentais. As correntes migratórias vindas dos países da África, Ásia, América do Sul e do Oriente Médio descaracterizam ainda mais a dita homogeneidade cultural daqueles países. Os emigrantes dos países do chamado Terceiro Mundo trouxeram suas culturas e estão construindo novas diásporas das quais reivindicam o reconhecimento público.

O problema fundamental não está na raça, que é uma classificação pseudo-científica rejeitada pelos próprios cientistas da área biológica. O nó do problema está no racismo que hierarquiza, desumaniza e justifica a discriminação existente. Há cerca de 40 anos, geneticistas e biólogos moleculares afirmaram que as raças puras não existem cientificamente (Cfr. Jean Hiernaux, J. Ruffié, A. Jacquard, F. Jacob et al.). Chegaram mesmo até a preconizar a eliminação do conceito de raça dos dicionários, enciclopédias e livros científicos como medida de combate ao racismo. Não demoraram a concluir que essa proposta era uma ingenuidade científica, dando-se conta de que a ideologia racista não precisava do conceito de raça para se refazer e se reproduzir. O apartheid existia como demonstração da radicalização do racismo sem lançar mão da palavra raça. Com efeito, o apartheid é uma palavra do

“afrikans” e recebeu a definição ideológica de um projeto de desenvolvimento separado, com a finalidade de preservar a riqueza cultural e as identidades étnicas dos povos da África do Sul. Em nome do respeito às identidades e às diversidades culturais, foi implantado na África do Sul um regime segregacionista que durante meio século confiscou os direitos fundamentais, políticos e sociais da maioria da população. Da mesma maneira que o Brasil criou seu racismo com base na negação do mesmo, os racismos contemporâneos não precisam mais do conceito de raça. A maioria dos países ocidentais pratica o racismo anti-negros e anti-árabes, sem mais recorrer aos conceitos de raças superiores e inferiores, servindo-se apenas dos conceitos de diferenças culturais e identitárias.

As propostas de combate ao racismo não estão mais no abandono ou na erradicação da raça, que é apenas um conceito e não uma realidade, nem no uso dos léxicos cômodos como os de etnia, de identidade ou de diversidade cultural, pois o racismo é uma ideologia capaz de parasitar em todos os conceitos. Benjamin Isaac, em um livro recente baseado em uma pesquisa de cerca de 15 anos, sustenta a existência do proto-racismo entre os antigos gregos e romanos. Porém, os antigos não usavam o conceito moderno de raça. Eles usavam os conceitos de *ethnos* ou *natio*, que não são sinônimos de raça. A lei da pureza de sangue vigente em Portugal e na Espanha dos séculos XIV e XV que deu origem ao anti-semitismo e é uma sub-variante do racismo, não precisou da raça no sentido moderno da palavra. No entanto, a lei da pureza de sangue na Península Ibérica não era tão diferente das leis de Nuremberg durante o regime nazista.

Muito recentemente, criou-se uma polêmica sobre o censo escolar proposto pelo MEC, exigindo dos alunos das escolas públicas a declaração de sua cor/raça. Os críticos que se manifestaram contra pensam que o censo escolar com declaração da cor ou raça dos alunos introduziria a consciência de raças estancas ou puras que, segundo eles, nunca existiu na sociedade brasileira. Seguindo seu raciocínio, essa introdução da raça na realidade brasileira pode reacender os conflitos raciais numa sociedade caracterizada pela “mistura racial”, ao invés de fomentar a luta contra o racismo, que de fato existe, recorrendo a outros tipos de procedimentos.

Deduz-se logicamente das críticas contra as cotas ditas raciais e contra o censo racial na escola que o caminho certo e duradouro para eliminar definitivamente o racismo da sociedade brasileira passa pela erradicação da raça e, conseqüentemente, pela eliminação da construção das identidades raciais. Solução que se contrapõe à proposta do Movimento Negro, que busca no processo de construção da identidade racial das vítimas do racismo uma plataforma de mobilização política para lutar contra as desigualdades. Esse processo da construção da identidade negra passa absoluta e necessariamente pela aceitação do seu corpo, simbolizado pela cor escura de sua pele e também pela aceitação de sua História e sua cultura.

O censo étnico ou racial na escola, além de fornecer dados estatísticos ou quantitativos indispensáveis na avaliação e acompanhamento das políticas de promoção de igualdade racial, faz parte do exercício de auto-definição ou de autoafirmação individual e coletiva a que todos temos direito enquanto cidadãos. Alguém se tornaria racista pelo simples fato de assumir sua negritude ou sua branquitude

em um censo escolar? Pessoalmente, não acredito nesta possibilidade, pois com “raça” ou sem “raça”, o racismo persiste. A saída, no meu entender, não está na erradicação da raça e dos processos de construção da identidade racial, mas sim numa educação e numa socialização que enfatizem a coexistência ou a convivência igualitária das diferenças e das identidades particulares. Visto desta ótica, penso que implantar políticas de ação não apenas no sistema educativo superior, mas em todos os setores da vida nacional onde o negro é excluído, não significa destruir a identidade nacional nem a “mistura racial” como pensam os críticos das políticas de cotas, que eles mesmos rotulam como cotas raciais, expressão que não brotou da boca do Movimento Negro Brasileiro. Sem construir a sua identidade racial ou étnica alienada no universo racista brasileiro, o negro não poderá participar do processo de construção da democracia e da identidade nacional plural no pé de igualdade com seus compatriotas de outras ascendências.

Se o Movimento Negro, como todos os movimentos sociais, luta para transformar a sociedade brasileira numa sociedade mais justa e mais igualitária — uma sociedade onde os negros podem exercer plenamente sua cidadania — a primeira tarefa é recuperar sua identidade de resistência, que passa por sua cultura e por sua cor, e a partir daí organizar as bases de uma identidade política de transformação ou de projeto, nos termos de Manuel Castells (1999). O movimento Negro não pode abrir mão dessa luta. Isso é essencial para participar do processo da identidade nacional que carrega as marcas de suas contribuições. O negro não pode ser nem um, nem outro, mas sim um e outro. Afinal, diversas identidades se cruzam,

se contrapõem e convivem em cada um de nós. A solução é sentarmo-nos numa mesa de negociação de nossas identidades quando elas entram em conflito de poder e de partilha do espaço comum. Falando ou escrevendo, parece uma coisa simples. No entanto, trata-se de um discurso em constante processo de formulação e reformulação a ser transmitido de geração em geração. Um processo demorado e doloroso, sobretudo para aqueles que alienaram sua natureza humana e que buscam a salvação na troca de sua pele negra por uma pele clara. Até hoje, as práticas de clarear a pele pelo uso de cremes e outros produtos cosméticos fabricados nos laboratórios ocidentais ainda estão em vigor em alguns países africanos. Fenômeno bem analisado no “Pele negra, máscara branca” de Franz Fanon. O processo pode ser ainda mais demorado num país como o Brasil, onde a mestiçagem entre as populações branca e negra é mais intensa e dificulta a construção de uma identidade que passa pela negritude. O levantamento feito pelo historiador Clovis Moura, após o censo de 1980, ilustra com eloquência a adesão popular ao mito de democracia racial brasileira e ao ideal do branqueamento sustentados pela mestiçagem. Inquiridos os brasileiros não-brancos sobre a sua cor, eles responderam através de um total de 136 cores. Emprestando os argumentos do autor citado, esse total de cores demonstra como o brasileiro foge de sua realidade étnica, de sua identidade, procurando, mediante simbolismo de fuga, situar-se o mais próximo possível do modelo “superior”, isto é, branco. “A identidade étnica do brasileiro é substituída por mitos retificados, usados pelos próprios não-brancos e negros especialmente, que procuram esquecer e/ou substituir a concreta

realidade por uma enganadora magia cromática na qual o dominado se refugia para aproximar-se, simbolicamente, o mais possível, dos símbolos criados pelo dominador” (Moura, Clóvis, 1988:64).

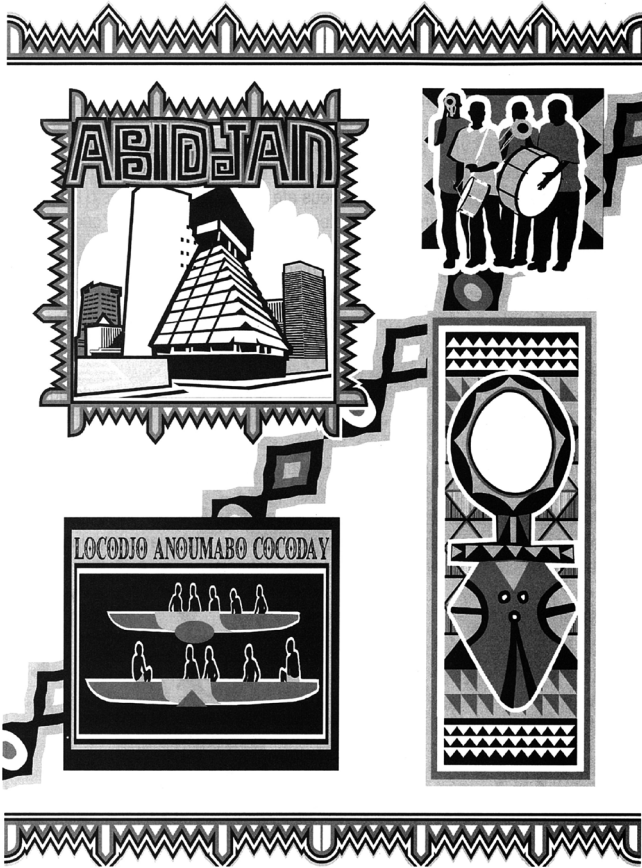
Talvez fosse para minimizar o impacto negativo da “negritude” neste processo que a inteligência do Movimento Negro teria cunhado o conceito problemático “afrodescendente”, pensando que este poderia canalizar facilmente o processo de construção da identidade de todas as vítimas do racismo em torno de um conceito menos alienado e mais aceitável. Mas não puderam prever que, partindo do pressuposto de que a África é o berço da humanidade, alguns estudantes poderiam, por causa dos interesses em jogo (por exemplo, opção pela cota para ingressar na universidade), declarar-se afrodescendentes sem necessariamente assumir o conteúdo identitário em processo de construção.

“Podemos viver juntos? Iguais e diferentes” — tal é o título muito sugestivo do livro de Alain Touraine publicado em 1997. Sem dúvida, o título da obra remete diretamente à realidade de certos países ocidentais. Nesses países, algumas tendências políticas defendem a idéia de que a distância entre culturas europeias e as culturas dos imigrantes não europeus é tão grande que não há como eles conviverem no mesmo espaço. Por isso, devem viver em espaços segregados ou devem ser colocados numa relação de subordinação claramente definida como no sistema colonial. Do meu ponto de vista, as culturas produzidas por várias comunidades na sociedade brasileira não ficam aprisionadas em espaços segregados. Salvo a realidade das sociedades indígenas com as quais não convivemos, penso que no Brasil contemporâneo existe um processo

de transculturação inegável. Visto deste ângulo, aqui as cercas das identidades culturais vacilam, os deuses se tocam, os sangues se misturam. Mas, nem por isso, devemos sustentar a ideia de uma identidade mestiça, que seria uma espécie de identidade legitimadora, ideologicamente projetada para recuperar o mito de democracia racial. Para construir uma unidade nacional, não precisa de unidade cultural. Alguns exemplos extremos mostram isso. Os Estados Unidos, país de uma grande diversidade cultural e o Japão, país de grande homogeneidade cultural, oferecem exemplos de dois países com unidade e consciência nacional muito consolidadas. No oposto, temos o exemplo da Somália, que é de uma grande homogeneidade cultural, pois é formada apenas por um grupo étnico, mas que não consegue formar sua unidade e consciência nacional. Atribuindo à identidade um conteúdo político como sempre o fiz em meus trabalhos, não vejo como fazer dela uma figura mestiça, pois construída no terreno das exclusões, portanto do político. Negros, indígenas, mulheres, homossexuais, classes sociais e outras diversidades regionais ou locais produzem identidades distintas e não mestiças. Cultura e comunidade não devem ser confundidas, porque nenhuma sociedade aberta às trocas e às mudanças tem unidade cultural completa, tendo em vista que as culturas são construções que se transformam constantemente ao reinterpretar experiências novas (Touraine, A., 1997:205).

Por isso, concordo com aqueles que criticam a ideia de que uma sociedade deve ter uma unidade cultural, seja da razão, de uma religião, de uma etnia ou, no caso do Brasil, de uma unidade cultural construída pela mestiçagem biológica (a miscigenação) e pela mestiçagem cultural (o sincretismo).

A questão fundamental que permanece colocada é saber como poderemos combinar a igualdade com a diversidade para poderemos viver harmoniosamente juntos? Não há outro caminho, a não ser a associação da democracia política com a diversidade cultural baseadas na liberdade do sujeito, conjugando-se com a construção dos direitos coletivos ou grupais hoje defendidos através das políticas de ação afirmativa e de multiculturalismo na educação.



Os cinco destinos

(Menelik Kiluange e George Sales)

Essa luta não é minha, é nossa
É o renascimento e o direito de sonhar
Enaltece a nobreza da história
Reis e rainhas em outrora, relembrar
Relação entre negro e poder
Contidas nas mentes do saber
Sou Ilê Aiyê a força vital da raça
Que passa e não sai da memória
Arrastando a massa, num cortejo da vitória
Lá espelho de cá
Abuja, Abidjan, Harare, Dakar
Modelos de vida pra mim
Ah! Salvador se você fosse assim
No toque do djimbê tem xirê
Ilê Aiyê odara, odara, odara
Personalidades, grandes cidades
Onde o negro desfruta do poder
Autonomia de reger o seu destino
Esperança nos olhos de um menino
Livre para eleger e governar
Salvador cidade desigual
Onde só me vejo Carnaval, não quero assim
Abortado pelo mundo
Um sentimento profundo
Sou oriundo da terra do ouro e do marfim
Presidentes, doutores, prefeitos, governadores
Havemos de ser
Só que tem axé vai no dendê

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

01

Abidjan, Abuja, Harare e Dakar. Ah! Salvador, se você fosse assim

Maria de Lourdes Siqueira

Maria de Lourdes Siqueira é antropóloga, professora adjunta da UFBA e diretora do Ilê Aiyê.

Este é o nosso desejo de vivermos do lado de cá do jeito que os negros africanos vivem do lado de lá, nestas cidades africanas nas quais eles assumem o poder em todas áreas da vida cotidiana.

Nosso propósito neste ano de 2007 é dar continuidade a este pensamento, a esta ideia de nós assumirmos nosso próprio destino, tendo nosso lugar no Estado, no Governo, nos cargos do Legislativo, Judiciário e Executivo, com direito de eleger e de ser eleito, de governar e escolher quem governar, de ter bens e condições de compartilhar de todos os espaços existentes nesta sociedade: colégios, universidades, comércio, teatro, cinema, meio ambiente saudável, aparecer na mídia televisiva e sermos considerados cidadãos e cidadãs.

O continente africano lutou sempre pela sua libertação em diferentes momentos da História e lá estas lutas já deram alguns resultados de inserção social, política e econômica. A luta hoje é para recuperar a sua verdadeira independência através de um processo de construção da paz na África. Essa busca de paz é acompanhada de uma luta pelo restabelecimento da democracia, com desenvolvimento social, econômico e político, assegurando condições de dignidade em saúde, educação, habitação, liberdade religiosa, cultura e meio ambiente.

No momento atual, um dos temas mais relevantes é o renascimento africano, um dos aspectos debatidos na II Conferência de Intelectuais Africanos e da Diáspora, realizada em Salvador, em 2006.

Nessa luta, a África já conseguiu algumas conquistas, além de aspectos que o negro no continente africano conta positivamente em relação aos povos negros da diáspora. Entre estes aspectos, a África contemporânea vive no seu

próprio continente, governada formalmente pelos próprios africanos, o que lhes assegura uma possibilidade de auto-estima de identidade, sem o enfrentamento cotidiano do problema do racismo. Cada africano sabe de onde ele vem, tem uma família, um grupo étnico; pode ser eleito para governar seu país a partir da História, inserção e possibilidades políticas de cada grupo ou sociedade à qual pertence.

Os africanos que vivem em seu continente estão engajados no processo produtivo de seus países. São considerados plenamente cidadãos livres, potencialmente elegíveis a cargos de poder, de prestígio, de participação social e em todos os níveis de processos de construção de seus países.

Fenômenos como a globalização, representação em órgãos internacionais de poder, de estado e de prestígio são naturalmente construídos e administrados pela gestão dos africanos. A África contribui com o desenvolvimento mundial em diferentes áreas dos setores econômicos com a produção de marfim, ébano, ouro, cacau, café, minérios e com a produção expropriada para museus de cultura e arte no mundo inteiro. Muitos países africanos com concepções religiosas constam em agendas de diferentes povos com reflexos em domínios de poder e prestígio, segundo a história de cada país.

As maiores lutas no continente africano são por uma maior socialização dos recursos materiais para resolver problemas criados no exterior, sobretudo pela colonização, uma vez que o continente em si é gerador de riquezas em grande parte destruídas pelo sistema colonial e pelo neo-colonialismo e outras formas de exploração e dominação, responsáveis pela situação sociopolítica e econômica da África contemporânea, em sua imensa diversidade de regiões, etnias, línguas, culturas e religiões. O tema do Ilê

Aiyê em 2007 foi um retorno à África escolhendo cidades do continente africano: Abidjan, Abuja, Harare e Dakar, capitais da Costa do Marfim, da Nigéria, do Zimbábwe e Senegal, respectivamente.

A ideia do tema é estabelecer um estudo comparativo entre estas cidades e Salvador, nos níveis de participação do negro no poder, através da qualidade de vida, canais de acesso, forma de circulação em lugares de poder e prestígio social, econômico e político.

Ah! Salvador, se você fosse assim.

A beleza e a riqueza que vestem a cidade de Salvador constituem todas as razões para torná-la a cidade dos nossos sonhos. Mas do ponto de vista da qualidade de vida do povo negro, os poderes públicos, as classes sociais abastadas (representadas pelos brancos), a ideologia que permeia as relações sociais e as relações interétnicas atiram o povo negro para lugares segregados; gera enormes bolsões de pobreza e miséria e dificulta o acesso à educação, saúde, moradia digna, áreas de lazer e meio ambiente saudável. O propósito do tema é apresentar indicadores de conscientização, para que o povo negro em Salvador se sinta estimulado a participar dos processos de luta para transformar esta situação e querer viver como os negros africanos vivem hoje em Abidjan, Abuja, Harare e Dakar.



02

Abidjan, capital da Costa do Marfim

Abidjan é a capital administrativa, cultural e econômica da Costa do Marfim, situada entre arredores do Lago Ebrié, Golfo da Guiné e Oceano Atlântico. Data do século XVI as primeiras povoações nesta região. Segue-se, no século seguinte, as vilas de pescadores: Locodjo, Anoumabo e Cocody. A área foi explorada por portugueses, depois ignorada pelos europeus até a colonização francesa. Em 1903, os franceses escolheram a área e estabeleceram uma estrada de ferro que a ligava ao antigo Alto Volta, hoje Burkina Faso. Em 1934, depois da ligação com Bobo-Diulasso, os franceses mudam a capital colonial das proximidades de Bingerville para Abidjan. Os franceses

construíram séries de grandes edifícios, pontes vultuosas, ligando o continente às ilhas e lagoas. Foi construído o porto na Ilha de Bassam. Abidjan torna-se um centro colonial importante provido de um porto para escoamento da produção industrial. O governo do presidente Felix Houphouët Boigny transferiu a sede do governo central para Yamoussoro, a sua cidade natal. Abidjan é uma das mais cosmopolitas, caras e sofisticadas cidades da África. Há uma série de ilhas cujo centro é o Lago Manhattan, chamado Plateau, o que torna Abidjan uma cidade chamada "A Pequena Paris da África". Os bairros elegantes contam com arranha-céus e casas sofisticadas em bairros luxuosos, onde estão localizados serviços internacionais, agências, shopping centers, restaurantes franceses, cinemas, teatros e centros culturais.

Em Abidjan, vivem migrantes de outros países de Burkina Faso, do Mali e de outras partes da África Ocidental em bairros como Treichville e Adjamé. Abidjan é a casa que abriga um dos maiores centros exportadores de cacau, café e azeite de dendê. Estes centros contribuem para a prosperidade da população, embora ainda seja economicamente dividida em classes.

Abidjan é uma cidade cuja população hoje é estimada entre quatro e cinco milhões de habitantes na área metropolitana, situada na convergência entre ilhas e penínsulas.

É considerada a "Pequena Paris da África" por seus parques, boulevares, grandes avenidas, museus, moda, bairros elegantes e centro comercial avançado.

A cidade conta com dez comunas subdivididas - incluindo a Vila de Abidjan -, todas com seus governos e conselhos municipais. As dez comunas são: Abobo, Adjamé, At-técoubé, Cocody, Koumassi, Marcory, Plateau (área onde



se situam o central e o comércio, região de negócios), Port Bouert, Treichiville e Yopougon (a comuna mais vasta e mais populosa). Fora da área de Abidjan há três subdistritos: Anyana, Bingerville e Songon.

O Poder Executivo está concentrado nas mãos do Governador do Distrito; o Legislativo, com o Conselho Distrital. O Distrito de Abidjan fica na Região dos Lagos. Os pontos turísticos mais importantes são: a Catedral de São Paulo; o Museu de Cocody de Arte Contemporânea; o Parque do Banco, uma reserva florestal; os arranha-céus do Plateau; o centro comercial de Abidjan e boutiques chiques e elegantes.

Existem em Abidjan indústrias de automóvel, manufatura, têxtil, química e sabão.

O aeroporto internacional, o Porto Autônomo de Abidjan, recebe delegações do Mali, do Burkina Faso e do Níger. É área de luxo da cidade.

**ABIDJAN É UM DOS MAIORES
CENTROS DE DESENVOLVIMENTO
EM TERMOS GLOBAIS NO
CONTINENTE AFRICANO.**



1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

Abuja, capital da Nigéria

03

É uma cidade fundada pela dinastia Haussá Zazzua e conquistada pelos Fulani no século XVIII. Hoje com uma população de dois milhões e meio de habitantes, é a capital federal da Nigéria desde 12 de dezembro de 1991. Abuja, em sua qualidade de capital federal, é uma cidade planejada com recursos arquitetônicos. Sua principal característica é a resistência à erosão, que lhe dá o título de Aso Rock - hoje Asokoro, o que significa povo vitorioso reinando sobre um espaço suntuoso, construído por monumentos que abrigam o Complexo Presidencial, a Assembléia Nacional, a Suprema Corte, a Mesquita da Nigéria, a Catedral Centro Ecumênico da Nigéria e o Aeroporto Internacional Nnambi Azikiwe, além de espaços ainda em construção. A vegetação é diversificada entre tipos diferentes de savanas: Alzibia, Zygia, Anniellia e Oliveri-Parkia.

A Capital Federal da Nigéria é dividida em quatro distritos: o Central planejado, situado entre Asokoro, aos pés da montanha, e os setores Maitana e Wuse, pelo norte, e Garki e Asokoro, pelo sul.

O Distrito Central é uma próspera região comercial onde ficam localizadas empresas estatais, multinacionais, corporações internacionais e a zona dos três poderes — Legislativo, Executivo e Judiciário — além de outros poderes governamentais e secretarias ao longo das avenidas Shehu Shagari, Aso Hill, Abuja, Plant Nursery, Soldado Desconhecido e a Mesquita Nacional - todos na Avenida da Independência. O Distrito Garki corresponde à área do sudoeste que faz esquina com Central e Asokoro. Em Garki estão a Agência Central dos Correios, o Centro Nacional de Convenções, o Abuja Sofitel Hotel, o Garki Shopping Center e bancos nacionais e internacionais.

O Distrito De Wuse, situado na parte nordeste da cidade, vizinho de Maitama, abriga o mercado principal da cidade, além do Sheraton Hotel, o Towers, o Ibis Internacional e a Corporação do Desenvolvimento Nigeriano de Turismo. O Distrito de Maitama é o norte da cidade de Abuja, vizinho do Central e Wuse. É o lugar onde se encontram o topo de categorias e classes da alta sociedade e dos grandes negócios; de artigos exclusivos e considerados muitos caros; de grifes especiais e internacionais.

Política lógica

(Jucka Maneiro – Sandoval – Roberto Cruz)

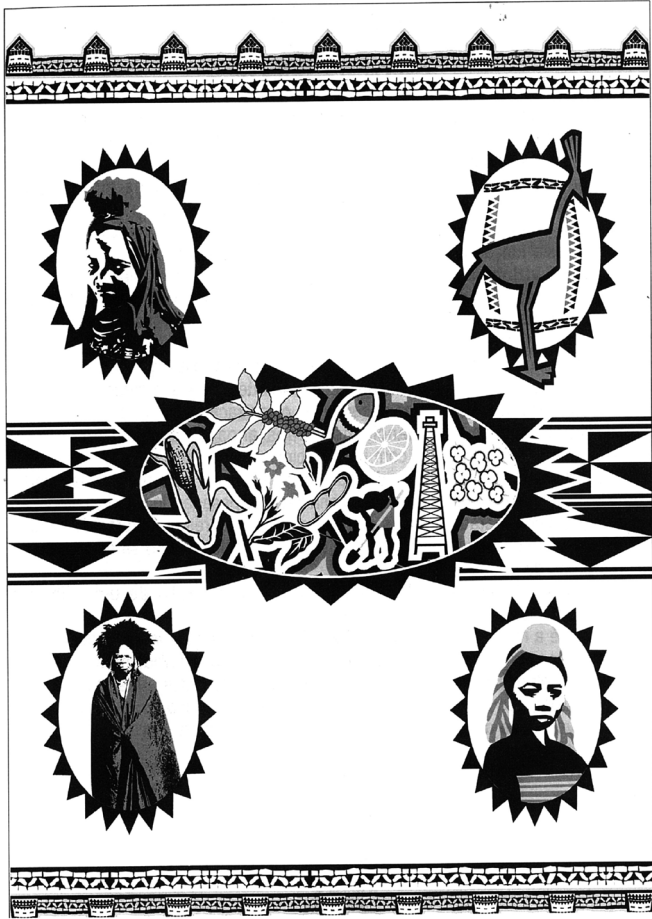
Um retomo à África, diáspora
Vibração democrática, inspira o Ilê Aiyê
A política lógica que se vê lá
Africanidade real
No comando a negritude
Um governo de atitude, responsável
Conscientemente elegível
Vivem sem distinção de cor
Habitam elegantes bairros e bangalós
Estão sempre buscando a vida digna
Ocupando a mídia televisa
Com qualidade intelectual ativa
O Ilê toma como exemplo
Pra seguir em breve tempo
O estilo de vida das cidades dirigidas
Por negros de inteligência viva
Abuja, Haussá Zazzua, salve Fulani
Abidjan, golfo da Guiné, Costa do Marfim
Harare ê, ê... Zimbabwe, liberdade
Ilê canta feliz Dakar, Senegal,
Ilha de Gorée, comuna vila
Do lado de lá
Os negros assumem o poder
Do lado de cá
É assim que tem que ser
Conscientização, direitos iguais
Reparação já

Harare, a capital do Zimbabwe

04

Harare é uma das mais prósperas e modernas cidades africanas, embora tenha a ambiência de portos e rios de acesso. Em 1890, grupos e agrupamentos rodesianos se estabeleceram às margens de uma pequena montanha ou colina Kopje, anteriormente denominada Forte Salisbury. Pelos membros do Parlamento Britânico, este agrupamento foi proclamado município em 1897 e passou a cidade em 1935. Pouco a pouco, Harare tornou-se centro comercial e político deslocando esta função do antigo centro colonial Bulawayo.

Harare é vizinha de Moçambique. A antiga Rodhesia estabelecia através de seu governo e seus grupos de influência política segregação de raça e



classe entre os habitantes. Esta relação persiste não oficialmente, mas reflete uma relação interétnica conflituosa.

Por ocasião da independência, o nome da cidade Salisbury é substituída por Harare em homenagem ao povo Shona de Harare, que a habitava antes da chegada dos novos grupos que aí se estabeleceram na colonização.

Harare cresceu substancialmente nos anos 1980 com um recorde de desenvolvimento e, nos anos 1990, com um crescimento aproximado de 7% ao ano.

As indústrias da cidade estão divididas entre as zonas leste e oeste da cidade. A zona leste abriga as indústrias leves e a zona oeste as pesadas, incluindo a produção de fumo, que é considerada entre os grandes centros urbanos um dos maiores produtores do mundo.

No coração da cidade estão os mais elevados edifícios, onde se encontram as maiores áreas de poder.

Harare conta aproximadamente com uma população de 1,6 milhões de habitantes. Harare é a maior cidade do Zimbábwe. Tem um dos mais importantes centros administrativos e comerciais. Sua principal produção é o fumo, mas possui uma significativa colheita de algodão, frutas cítricas e milho. Entre suas manufaturas incluem-se têxtil, aço e produtos químicos, além da exploração de ouro na região. A Universidade do Zimbábwe é a maior e mais completa instituição de ensino do país e fica situada em Harare.

Um pouco da História do Zimbábwe

Descobertas arqueológicas comprovaram que os africanos se fixaram no Zimbábwe por volta do ano 300 a. C., e ali foram construídas as chamadas grandes muralhas do Zimbábwe.

O Zimbábwe foi invadido por colonos britânicos vindos

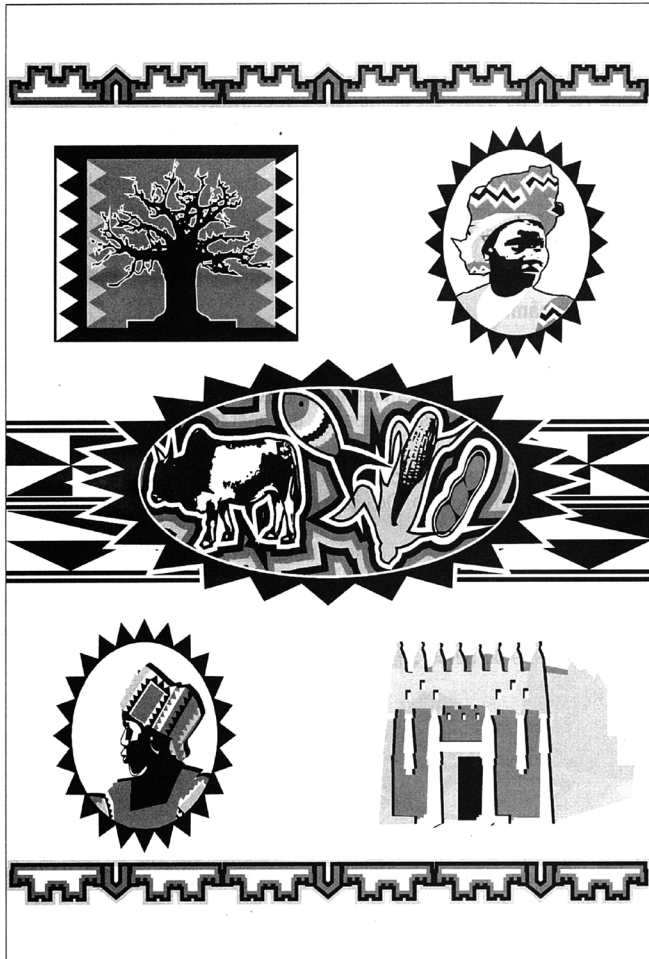
da África do Sul, os quais transformaram a região na colônia da Rodhesia do Sul. Um importante reino surgiu depois, em 1400, com o Rei Mutota, que junto com seu filho Matope alargou o seu poder neste reino no século XV e se estendeu até a moderna Rodhesia e Moçambique pelo Oceano Índico.

Com o tempo, dividiram-se em dois reinos. No primeiro, Mutota e o Mwana Mutapa ou Monomotapa. Eram todos africanos Xona. O segundo era Changamine. Todos vivem hoje no mesmo Zimbabwe. Eram terras dotadas de ouro e minas de pedras preciosas. O Zimbabwe possui grandes fortalezas e palácios. As principais fortalezas são Naletele ou Dhlo Dhlo.

Bahia negra

(Dico e Jajai)

África o Ilê Aiyê vem te saudar
Salvador o sonho de uma cidade mais igual
Abidjan capital da Costa do Marfim
Terra fértil beleza e riquezas minerais
Abuja outra grande cidade africana
Banhada por lagos e rios da Nigéria capital
A organização fortalece a nação zimbabwana
Modernas construções
Tendo em Harare cidade principal
Grande exportador
De fumo, petróleo, algodão e cacau
Pelo oceano podemos chegar a Senegal
Onde a arquitetura retrata
A nobreza dos povos de lá
A segunda Paris como é considerada
A capital Dakar
Politicamente negros conscientes
De uma história que não chegou ao fim
A luta continua, ah! Salvador se você fosse assim
Bahia negra, Salvador meu bem querer
Terra da felicidade falta o negro no poder



1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

Dakar, capital do Senegal

05

A Cidade de Dakar tem uma área de 82.5 km² com uma população estimada em um milhão de habitantes, subdivididos em 19 comunidades com uma densidade de 12,223/km².

Dakar é a capital do Senegal, localizada no Cabo Verde, na Costa do Atlântico, constituindo-se num ponto regional significativo. Em 2005, a população do Senegal era estimada em 2,4 milhões de habitantes.

A cidade é o maior centro administrativo do Senegal, onde estão situadas a Assembleia Nacional e o Palácio Presidencial. Foi originada nos arredores do Forte Francês em 1857, depois das mudanças ocorridas nas proximidades da Ilha de Gorée. O Forte D'Estrees, sobre a Ilha de Gorée, é onde os escravizados eram levados para serem transportados nos navios negreiros para escravidão no Novo Mundo. Dakar é uma comuna-vila, uma das 67 comunas do Senegal.

Dakar é, ao mesmo tempo, uma comuna e um departamento dividido em quatro grandes bairros: Almadies, Grand Dakar, Pacelles Assanies o mais populoso, e Plateau Gorée (o centro de Dakar). A comuna de Dakar tem aproximadamente um milhão de habitantes.

Dakar Plateau tem cerca de 35 mil habitantes. O Plateau Gorée é historicamente o coração da cidade, onde estão a grande maioria de ministérios e serviços público-administrativos.

Dakar, chamada a Paris do oeste africano, é cosmopolita e hedonística, importante centro cultural, perto do ponto mais extremo do Oeste da Península do Cabo Verde.

A origem do nome pode vir da língua Wolof e significa “árvore do tamarineiro”. A origem mais remota é que Dakar vem de uma estreita faixa de terra pelo povo Lebu estabelecendo a Village de Ndakaru na Península do Cabo Verde. Dakar nunca foi marcada por uma segregação rígida, e

seus habitantes tinham acesso a uma educação francesa, o que lhes davam a oportunidade a empregos no serviço civil. Os cidadãos africanos com cidadania francesa e fluência em língua francesa têm acesso a empregos em gabinetes de instâncias de governo, bancos nacionais e internacionais. Dakar abriga uma confortável classe média com possibilidades de profissões liberais e em corporações e empresas multinacionais.

O clima é agradável e a cidade é bonita, embora tenha problemas sociais às vezes graves, como em toda cidade grande, como poluição e migrantes desempregados no interior.

A maioria dos lugares, incluindo Gorée, hoje transformada em museu, conta com centros culturais, produções artísticas, clubes noturnos, cinemas, inúmeros mercados - entre os quais o mais significativo é o de Sandaga - e museus de arte africana tradicional.

Em síntese, o povo de Dakar é garboso, orgulhoso de sua origem, e realiza com maestria a síntese entre seu passado, a herança civilizatória de seus ancestrais e os meios que o desenvolvimento lhe oferece, sem perder os valores das suas culturas tradicionais anteriores à colonização e à escravidão.

Só pra lembrar

O baobá, as acácias e os tamarineiros são parte da paisagem. O inverno garante um tempo aquecido pelo sol, que se alterna com seis meses de seca que se entranha no ar. Os criadores aparecem com seus zebus nesse país que é produtor de milho, amendoim, no qual o homem se vê rodeado de temperos, entre etnias Oulot, Serere, Haussa, Bormou, passando pelos Mandingas, Bambaras e Mossis. Quando a paisagem se aproxima do Sahel, o baobá cede lugar à palmeira. As areias que



vêm do Sahara invadem tudo. Dos oásis saharianos à floresta, a África Ocidental é um só mundo: o mundo de cultivadores que vivem de suas colheitas.

O sistema africano é concebido de modo a explorar totalmente a terra, confiando nas possibilidades de sua riqueza. É desse contexto da África Central que o tempo e os homens vão construindo a cosmopolita Cidade de Dakar.

A Região Senegâmbia

Perto de Saint-Louis e em Casamance, enormes baobás crescem por vezes sobre montes de conchas, junto a uma indústria da qual subsistem ocasionalmente fragmentos de cerâmica impressos a pente, um anel trançado de cobre e ferro e um machado de osso. Em Dakar (Bel-Air) encontram-se vestígios da Idade do Ferro nitidamente estratificados acima do Neolítico. Dos sítios de Loudia e de Oulof vêm descobertas mais recentes. Os primeiros centros de cultura de *Oryza Glaberrima* têm informações importantes sobre atividades agrícolas. Cerâmica tradicional, artefatos de ferro, modalidades do desenvolvimento do comércio e das artes são indicadores de progresso e de civilização em regiões da África Ocidental e do berço da região onde se situa Dakar, no Senegal.



Conclusão

06

O objetivo principal deste Caderno de Educação é mostrar que nas cidades de Abidjan, Abuja, Harare e Dakar:

◆ **Negros africanos são eleitos para o governo de seus países:**

Presidentes

Ministros

Deputados

Secretários de Estado

Diretores de setores públicos

◆ **Negros africanos são profissionais liberais:**

Administradores

Médicos

Engenheiros

Advogados

Dentistas

Professores

Pesquisadores

Psicólogos

Psicanalistas

Geógrafos

Jornalistas

Artistas

Economistas

◆ **Negros africanos habitam em bairros elegantes, vilas, bangalôs, edifícios elegantes com arquitetura moderna. Têm serviços de:**

Saúde

Universidades

Escolas

Museus

Ambientalismo

- ◆ As cidades são arborizadas, floridas, há parques e jardins.
- ◆ Os shoppings centers lembram Paris, Nova York, Londres.

A população é negra em sua imensa maioria. Vivem alguns brancos que ainda ocupam alguns lugares de prestígio, poder, consultorias, assessorias, técnicos em diferentes áreas.

Mas a população de origem e que se mantém lá, vivendo em seu próprio país, é de africanos.

E certo que há guerras, houve a colonização, foram enviados para outros países escravos, mas hoje:

- ◆ Os africanos vivem em seu continente
- ◆ Exercem o poder em seu continente
- ◆ São elegíveis e eleitos para assumir o poder nos seus países de origem
- ◆ Vivem com dignidade
- ◆ Há problemas que vêm do exterior e são mazelas da colonização que expropriou, dividiu e empobreceu a África para a grande maioria dos africanos.

O poder na África é negro.

E bom lembrar que a África sempre reinou em quase todos os domínios da vida em sociedade. A colonização quebrou essa corrente; expropriou as riquezas naturais da África; drenou o solo, arrancou petróleo, ouro, ferro, minas e pedras preciosas.

Entretanto, as cidades das quais estamos falando agora:

- ◆ **Guardaram suas tradições, em parte, na vida cotidiana das pessoas**

Crenças

Costumes

Rituais

Traços arquitetônicos

Guardaram a altivez de seus antepassados.

Respeito ao traçado natural conservando o curso natural de rios, lagos, lagoas, entornos de ilhas, colinas, montanhas, vales.

Mantiveram os sonho do desenvolvimento, da reconstrução do país, do retorno à unidade nacional, da restauração da paz.

Mantêm a capacidade de autonomia, de busca da liberdade.

E nesta perspectiva de que estas cidades foram construídas e são reconstruídas a cada passo para o próprio negro viver nelas, embora em todos os lugares do mundo haja problemas e desigualdades, lá as hierarquias de poder e prestígio não constituem questões de racismo.

Em Salvador, somos 80% de negros e não estamos em nenhum destes lugares - salvo raríssimos casos de exceção. Nossa esperança é que Salvador possa tornar-se um lugar de igualdade. Igualdade é exatamente o que Salvador não tem. Nossa esperança é que esta cidade, ícone de belezas e riquezas, um dia seja do poder negro. A África está buscando seu próprio caminho, novos horizontes, mais independência. Paz e uma liberdade mais verdadeira e compartilhada a todos os africanos e mulheres africanas. Os verdadeiros donos do continente africano e ancestrais da nossa diáspora.

AH! SALVADOR, SE VOCÊ FOSSE ASSIM.

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

Antologia de Música Negra do Ilê Aiyê

Certeza da unidade

(Edmilson Gatinha – Mario Pam – Sandro Teles – Adelson Evangelista)

Abidjan, Abidjan, Abuja Abidjan,
Abidjan, Abuja Abuja, Harare,
Dakar Abuja, Harare, Dakar
Dona Hilda Ji
Dona Hilda To
Dona Hilda Lu
Dona Hilda Jitolu
Salvador, vamos mudar essa história
Levar a glória para esse povo vencer
Salvador tomara que Abidjan, Harare, Dakar... Abuja
Se reflita em você
Renascer é a palavra de ordem
No mundo africano
E o poder é a certeza de novo plano
Autoestima, formação crucial
Nessa busca por identidade
Um processo, na certeza da unidade
Senegal é a gloria refletida
Centralizada em Dakar
É Nigéria a nação de Abuja
Sou Zimbabwe com Harare a fazer orgulhoso
O negro que há em mim
Abidjan vim da Costa do Marfim

Prazer sou Ilê

(Guiguio e Caj Carlão)

Como é seu nome me diga
Como é seu nome me diga
Como é seu nome me diga
Quem é você? Eu sou Ilê, eu sou Ilê
Ninguém duvida
Como é
Tenho o maior prazer
De me apresentar
Pois minha beleza negra ninguém vai tirar
Sou seu xodó, sou seu denço, sou beleza rara
Eu sou Ilê, eu sou Ilê e tenho a sua cara
Se a minha diferença lhe prejudicar
Vá reclamar com aquele que fez você
Peça pra nascer de novo ou então morrer
Ou ser um negro ou negra linda do Ilê.

Canto porta-voz

(Marco Boa Morte)

O meu canto é diferente
Representa minha gente
Porta-voz do povo negro
Resgatando auto-estima
Diga aí tá tudo em cima
Valorização do gueto
Se espalha por todo canto
É canto de fé, canto de acalanto
Ninguém consegue calar
Ecoou no barro preto
Sou Ilê bato forte no peito
Band'Aiyê vai swingar
Sou eu, sou eu me acompanhe
Sou Ilê Aiyê xodó de mãe
O Ilê não é batido em pilão
Nem cessado em peneira
Mas é a receita perfeita
Gostosa ao meu paladar
Esse é o Ilê Aiyê que não é brincadeira
Negro gostoso que nem os quindins de laiá

O canto Ilê

(Rui Poeta – Miguel Lucena – Irandir Vasconcelos – Rubens Freitas)

Meu cantar é minha luta
Minha alma é meu versar
Minha canção conclama a paz
Um mundo de amor entre as nações
Negros, brancos, índios e amarelos
E o revestimento da razão
Meu canto o renascer da liberdade.
Da saúde e de mais educação
Por que não vivemos este sonho Ilê Aiyê
Por que não acordar agora
A auto-estima e a cidadania do meu povo Ilê Aiyê
Quer rever a cor desta história
Vou seguindo vou sonhando
Pro meu filho acordar
O doutor que seu avô
Dormiu ontem a sonhar Ilê Aiyê
Vamos lá que vamos cá
Que vamos lá que vamos acordar
Vamos lá que vamos cá
Que vamos lá que vamos a cor dar

Laço fraterno

(Ode Rufino – Toinho do Valle – Joccylee – Wostinho Nascimento)

No laço fraterno da democracia
Na alma desse povo, sentimento de paz
Ilê seu canto é forte a todos seduz
Faz renascer das cinzas toda África
Cultivando a igualdade, liberdade, cultura, o negro no poder
Se o poder é nosso Ilê... Não vamos padecer
Abidjan, Dakar, Abuja, Harare
Abidian, Dakar, Abuja, Harare
Abidjan, Dakar, Abuja, Harare
Abidjan, Dakar, Abuja, Harare
Abidjan, Dakar, Abuja, Harare
Abidjan, Dakar, Abuja, Harare
Quem dera Salvador
Ter a consciência do povo de lá
Ah! Ah! Se você fosse assim
A cidade de nossos sonhos, é só deixar fluir
Abidjan, Dakar, Abuja, Harare
Abidjan, dividida em dez comunas
Porém desenvolvida em termos globais
Arredores do Ebrié, no Golfo da Guiné
Dakar, um importante centro cultural
Clima agradável, cidade bonita
Hedonística, cosmopolita...
Harare... êh Zimbabwe...
Homenageia o povo shona, Ilê Abuja,
Asokoro povo vitorioso
Se espelhe Salvador

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

Atividades e fixação da aprendizagem

Ana Célia da Silva

**Ana Célia da Silva* é doutora em Educação, professora da UNEB e educadora do PEP do Ilê Aiyê.

atividade

- 1. Desenhar o mapa da África e identificar no mesmo os países Nigéria, Costa do Marfim, Zimbabwe, Senegal e suas respectivas capitais.**

- 2. Relacione os países cantados no tema do Ilê Aiyê para o Carnaval 2007 às suas respectivas capitais:**
 - (1)** Nigéria
 - (2)** Costa do Marfim
 - (3)** Zimbabwe
 - (4)** Senegal
 - ()** Abidjan
 - ()** Harare
 - ()** Abuja
 - ()** Oyó
 - ()** Dakar

- 3. Construa frases com as riquezas encontradas no continente africano: marfim, ébano, ouro, café, minérios, diamante.**

atividade

- 4. Identifique no quadro abaixo as condições de vida que o Ilê Aiyê almeja para o povo negro:**

A B D C T R A B A L H O W Y
Z A B U A S A U D E O B I C
U A I E D U C A Ç A O T B V
E F L J H A B I T A Ç A O N
A O U L I B E R D A D E I T

- 5. Simule um processo eleitoral na sala de aula, com a eleição para presidente, governador e prefeito. Solicite aos candidatos que apresentem programas de trabalho contemplando as questões reivindicadas pela população negra.**
- 6. Realize dramatizações em sala de aula onde os alunos desempenhem os papéis de professor, advogado, engenheiro, jornalista e nutricionista, entre outros.**

atividade

- 7. Coloque os alunos em equipes e peça que listem as pessoas do seu bairro que realizam trabalhos ou atividades semelhantes às do médico, engenheiro, professor, padre, enfermeira, nutricionista e advogado, entre outras.**

- 8. Forme equipes na sala de aula e solicite aos alunos que listem o nome de pessoas que exercem funções e papéis importantes para a comunidade.**

- 9. Escreva a letra de uma música tema ou poesia do Carnaval 2007 no quadro de giz e realize as seguintes atividades:**
 - a) Cantar a música;**
 - b) Interpretar o texto através de perguntas orais;**
 - c) Completar lacunas com frases da letra da música;**
 - d) Criar frases utilizando palavras da letra da música.**

- 10. Peça aos alunos que façam um desenho, poesia ou dramatização, representando o poder negro distribuindo benefícios para todas as pessoas de Salvador.**

bibliografia

- Carvalho, José Jorge de. *Inclusão Étnica e Racial no Brasil: a questão das cotas no ensino superior*. São Paulo: Attar Editorial, 2005.
- Castells, Manuel. *Lê Pouvoir de L'identité*. Paris: Fayard, 1999.
- Cavalli-Sforza, Luca; Cavalli-Sforza, Francesco. *Quem somos? História da diversidade humana*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- D' Adesky, Jacques. *Racismes et Antiracismes au Brésil*, Paris: l' Harmattan, 2001.
- Fazzi, Rita de Cássia. *O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceitos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- Fry, Peter. *A persistência da raça*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- Gomes, N. L.; Martins, A. A. (Orgs.). *Afirmando direitos: acesso e permanência de jovens negros na Universidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- Isaac, Benjamin. *The Invention of Racism in Classical Antiquity*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2004
- Jacquard, Albert. *Elogio da Diferença*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- Lopes, Luiz Paulo Da Moita. *Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

bibliografia

- Moura, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.
- Munanga, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus Identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- Munanga, Kabengele (org.) *Estratégias e Políticas de combate à discriminação racial*. São Paulo: Edusp, 1996.
- Munanga, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus Identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- Munanga, Kabengele; Gomes, Nilma Lino. *Para entender o Negro no Brasil de Hoje: História, Realidades, Problemas e Caminhos*. São Paulo: Global, 2004.
- Paiva, Angela Randolpho (org.) *Ação afirmativa na universidade: reflexão sobre experiências concretas Brasil-Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Edição PUC/Rio, 2004.
- Pena, Sérgio D.J.; Bartolini, Maria Cátira. *Pode a genética definir quem deve se beneficiar das cotas universitárias e demais ações afirmativas?* In; Revista Estudos Avançados-USP. Volume 18, Nº50, 2004, pp.31-50. Semprini, Andréa. Multiculturalismo. Bauro, SP: Edusc, 1999.
- Silva, Petronilha B.G.; Silvério, V.R. *Educação e ações afirmativas; entre a injustiça simbólica e a*

bibliografia

- injustiça econômica*. Brasília, DF: INEP/MEC-Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.
- Taylor, Charles. *Multiculturalismo. Examinando a Política de Reconhecimento*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- Torres, Carlos Alberto. *Democracia, Educação e Multiculturalismo*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Touraine, Alain. *Pourrons-nous vivre ensemble? Égaux et différents*. Paris: Fayard, 1997.
- Pesquisa: Maria de Lourdes Siqueira
- Anthony, Kwame. *Africana. The Encyclopedia of the African na African American Experience*. Appiah and Henry Louis Gates, Jr., Editors. Perseus Books Group New York 1999.
- Davidson, Basil. *A descoberta do passado de África*. Sá Costa Editora. Lisboa. 1987.
- Paulme, Denise. *Les civilisations africaines*. Presses Universitaires de France. 1953.

créditos da edição 2025

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Reitora: Georgina Gonçalves Dos Santos • **Vice-Reitor:** Fábio Josué Souza Dos Santos • **Pró-Reitor de Extensão e Cultura:** Danillo Silva Barata • **Coordenação de Cultura e Universidade:** Fabiana Comerlato • **Coordenação de Extensão Universitária:** Maria Da Conceição De Menezes Soglia

Anjo Negro Selo Editorial

Editor: Danillo Silva Barata • **Editora Executiva:** Iansã Negrão • **Coordenação:** Morgana Miranda • **Revisão:** Joana Rizerio • **Tratamento de Imagem:** Roberto Abreu • **Digitalização dos Textos:** Leandro Sales • **Projeto Gráfico:** Iansã Negrão/ Casa Grida • **Design:** Iansã Negrão, Morgana Miranda & Isabella Coretti • **Produção Executiva:** Robson Oliveira • **Restauração:** Morgana Miranda e Rex

ISSN 2236-6784
e-ISSN 2764-5878

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que sejam citadas as fontes

créditos da edição original

Projeto de Extensão Pedagógica
Caderno de Educação do Ilê Aiyê
Vol. 15 – Abidjan, Abuja, Harare e Dakar

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê
Aiyê

Diretoria

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda)

Presidente: Antônio Carlos dos Santos Vovô

Vice Presidente: Aliomar de Jesus Almeida

Arany Santana Neves Santos • Dário da
Páscoa • Edson Tobias de Matos • Edmilson
Lopes das Neves • Elizete Matos dos Santos •
Femando Ferreira de Andrade Filho • Hilldete
Valdevina dos Santos Lima • Jônatas Conceição
da Silva • José Carlos dos Santos • Maria de
Lourdes Siqueira • Oduvaldo de Jesus Santos
(*in memorian*) • Osvalrizio do Espírito Santo
• Paulo Cezar da Costa Cerqueira • Paulo
Raimundo Ferreira Bonfim (*in memorian*) •
Roberto dos Santos Rodrigues • Vivaldo
Benvindo dos Santos • Wilson Batista Santos

Coordenação Pedagógica: Jônatas Conceição
da Silva **Pesquisa e Textos:** Maria de
Lourdes Siqueira **Capa e Ilustrações:**
Mundão **Edição e Produção:** Via Direta
Comunicação (Benneh Amorin) **Editoração e
Diagramação:** Helida Rocha **Impressão:** Venture

End. Rua do Curuzu, 228, Liberdade
CEP 40365 000, Salvador • Bahia
Teleone 71 3256 8800
Telefax 71 3256 1270
Site www.ileaiye.com.br
E-mail ileaiye@ileaiye.org.br



PROexc

PROJETOS DE EXTENSÃO E CULTURA

UFB

Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

TI PALMARES
FUNDAÇÃO CULTURAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO